



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8026 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

FORMANDO MULHERES NEGRAS PARA/NA A LUTA ANTIRRACISTA.

Neuza Maria Sant Anna de Oliveira - UFF - Universidade Federal Fluminense

FORMANDO MULHERES NEGRAS PARA/NA A LUTA ANTIRRACISTA.

Este artigo é um resumo do projeto de tese intitulado “A VOZ E O ATO: a contribuição dos coletivos de mulheres negras para conscientizar criticamente e transformar na prática.”, que se pretende discutir a formação intelectual de mulheres negras da Baixada Fluminense que participam de coletivos femininos.

É importante ressaltar que este artigo é apenas uma apresentação da pesquisa de doutoramento, que se encontra em seu primeiro ano. O projeto pretende traçar os caminhos que essas mulheres percorrem em busca de formação (formal e informal); como esses coletivos contribuem para que essas mulheres construam pensamento crítico e com isso transformem seu meio exigindo políticas públicas reparadoras, entre outras demandas.

Já se sabe que os coletivos formam; o que desejamos é saber como essa formação acontece, quais os instrumentos, metodologias e avaliativos são utilizados a fim de construir o do pensamento crítico e, conseqüentemente, a transformação da realidade na prática. Também é um dos objetivos analisar como esses espaços colaboram para que essas mulheres possam ser protagonistas de suas histórias e de tal modo, formando e sendo formadas política e intelectualmente, construindo, assim, uma rede de solidariedade e empoderamento.

Sou mulher negra. Nasci, vivo e trabalho na Baixada Fluminense (Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro). Além disso sou mestre em educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. No mestrado, dediquei-me a narrar histórias de mulheres como eu, que chegaram aos cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Narrar caminhos para empoderar outras mulheres.

Nós, mulheres negras da periferia, a todo tempo precisamos nos autoafirmar e reescrever nossas histórias, não nos esquecendo, entretanto, de que, um dia, nossas bisavós, avós e mães foram escravas, amas de leite; que, para sustentar suas famílias, tiveram um subemprego e, mesmo assim, mantiveram-se na luta. Deixemos ecoar dentro de nós as vozes destas milhares de mulheres negras que nos antecederam, conforme nos escreve Evaristo, registrando e revelando uma face da história das mulheres.

A necessidade de continuar ouvindo e contando outras histórias encontra tem como base a revolução que alguns coletivos de mulheres negras têm desenvolvido em nossas cidades e, principalmente, nas universidades, como, por exemplo, o Coletivo Dandara, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É importante contar como essas mulheres

chegam a esses Coletivos e o que eles modificam em suas concepções de mundo; como é ser mulher e negra na periferia, pois, as mulheres que nos substituirão, talvez, queiram ouvir ou ler as histórias dos nossos caminhos.

Afirmo isso porque bell hooks, intelectual e feminista norte-americana menciona em seu texto *Intelectuais Negras*, que algumas de suas alunas lhes fazem perguntas sobre sua vida, na tentativa de conhecer os caminhos que ela percorreu para chegar a ser reconhecida como intelectual. Afirma: “Esse apaixonado interrogatório frequentemente ameaça meu senso de intimidade (o que existe), mas tem raízes num profundo desejo de compreender o processo pelo qual algumas negras escolhem a vida intelectual” (HOOKS, 1995, p. 477).

A esses Coletivos, dos quais fazem parte nossas futuras interlocutoras, chamaremos de “Quilombo”. Tal metáfora só é possível, porque, segundo Munanga e Gomes (2006), Quilombo “trata-se de uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e convivência resultante dos esforços dos negros escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade”. Os mesmos autores afirmam ainda que a história da escravidão mostra que a luta e a organização dos Quilombos são marcadas por atos de coragem, que se caracterizaram pelo que se convencionou chamar de “resistência negra”, isto é, por uma resistência material e simbólica, onde os membros dessas comunidades não se submeteram a um sistema imposto que, para eles, retirava sua liberdade. Portanto, pensar os coletivos femininos negros como Quilombo é reafirmar essa ancestralidade de lugar de refúgio, resistência e luta.

Pensar as mulheres negras dentro dos Coletivos/Quilombos femininos é romper com a história única, que Chimamanda Ngozi Addichie, em sua palestra no TED (*Technology, Entertainment, Design*), intitulada “O perigo da História Única”, nos alerta que é preciso romper com a ideia do colonizador de que nós, mulheres negras, somos boas para cama ou para cozinha. No primeiro caso, prostitutas e, no segundo, servas.

Quais caminhos de formação, formal e informal, essas mulheres percorreram para romper com o lugar comum, em que são colocadas todas as mulheres negras? A necessária questão que abarca nossa pesquisa é encontrar, nessas mulheres, as vozes/ conscientizar criticamente e ato/ transformar na prática, mostrando o que os Coletivos/Quilombos podem/fazem por/com essas mulheres negras da periferia fluminense.

O caminho metodológico desta pesquisa será traçado a partir da metáfora do encontro que acontece ao longo do caminho, pois é no caminho que os encontros acontecem e, a partir deles, a pesquisa irá se constituir. Tal opção tem origem no que acreditamos ser um rompimento com a forma colonial de se fazer pesquisa, principalmente com a população de origem africana.

É preciso romper com tal forma de se fazer ciência, pois, segundo Walter Mignolo:

começar por abandonar a ideia universal de humanidade que nos foi imposta pelo Ocidente, modelada sobre o ideal imperial de ‘homem branco, heterossexual e cristão’, e desfazê-la, para reconstruí-la na beleza e na incontrolável diversidade da vida, do mundo e dos conhecimentos. (MIGNOLO, 2013, versão digital).

Enquanto mulher negra que sou, escolhi falar com, e, para falar com, é preciso eger uma metodologia de pesquisa, na qual eu possa levar em conta a nossa ancestralidade, já que os povos de origem africanas transmitem suas tradições de forma oral. Logo, pensar a metodologia de uma pesquisa com é levar em conta a ancestralidade de quem quero encontrar. Por essa razão, a narração é o instrumento metodológico desta pesquisa.

Palavras - Chave: Mulheres Negras, Coletivo Femininos, Formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. N. *O perigo da história única*. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em: 08/04/2017.

CYRULNIK, B. *Os Alimentos do afeto*. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Editora Ática. 1995.

GOMES, N.L. *Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira*. In: SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 419-441.

HOOKS, B. *Intelectuais Negras*. *Revista Estudos Feministas*, V.3, nº 2, 1995, p. 454-478.

MIGNOLO, W. *Decolonialidade como o caminho para a cooperação*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5253&secao=431%3E>. Acesso em: 05/08/2018.